

Revista Appai

# EDUCAR

Informação ao Profissional de Educação

## ENSINO ON-LINE: SUA CASA, SUA SALA DE AULA

Ano 22 - 121 - 2020 - CIRCULAÇÃO DIRIGIDA

Comunidade escolar transforma adversidade em novas  
formas de ensino-aprendizagem

# SUMÁRIO

## 02 TEMA TRANSVERSAL

Uma horta de felicidade

## 12 TEMA TRANSVERSAL

A cultura do cancelamento

## 22 INTERDISCIPLINARIDADE

Um manifesto à igualdade

## 26 TEMA TRANSVERSAL

Quando a arte transforma a vida

## 44 GEOGRAFIA

O papel da mobilidade urbana

## 48 LITERATURA

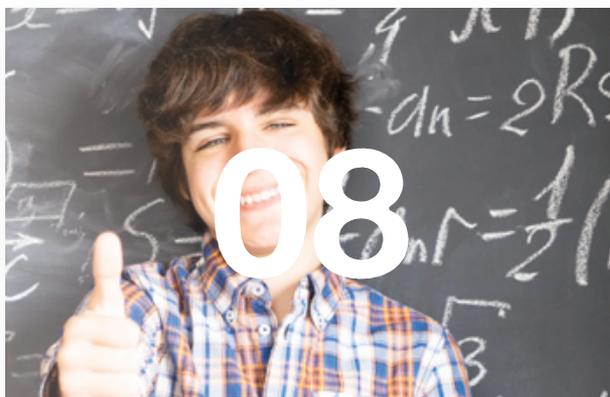
Seu aluno tem vocação literária autoral?

## 52 CÉREBROS COMESTÍVEIS?

Realismo impressiona na hora de aprender sobre anatomia

## CAPA

Comunidade escolar transforma adversidade em novas formas de ensino-aprendizagem. – Pág. 32



### MATEMÁTICA É A SOLUÇÃO DO PROBLEMA

Projeto estimula alunos a resolverem questões vividas no dia a dia através das exatas

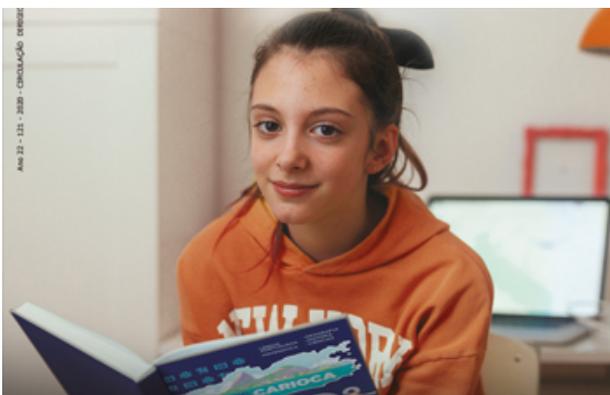


### A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA

Cantora Joanna participa de projeto pedagógico em escola pública



### ROLOU NA WEB







Tema Transversal

# UMA HORTA DE FELI- CIDADE

*Projeto sustentável muda o olhar dos alunos da Comunidade do Sapo II*

**N**a novela Amor de Mãe, da Rede Globo, o personagem Davi é um ativista preocupado em preservar a natureza e ampliar a consciência ambiental entre os estudantes do bairro. Na vida real, o projeto desenvolvido com os alunos da Escola Municipal Professora Ivone Nunes Ferreira, localizada em Senador Camará, Zona Oeste do Rio de Janeiro, não é muito diferente.

Há cerca de sete anos o terreno onde está situada a instituição, hoje considerada uma Escola Olímpica Carioca, era o espaço de uma fábrica de telhas que produzia ali derivados da indústria da construção civil, utilizando insumos nocivos à saúde na elaboração de seus produtos. Entretanto, o que antes era um solo de qualidade duvidosa foi transformado em um belo projeto de horta sustentável.

De acordo com a Coordenadora Tatiana Dias de Moura, desde a inauguração da escola sempre houve um empenho em incluir ações pedagógicas sustentáveis no cotidiano dos alunos. E a horta foi uma dessas iniciativas. “Ela funciona como material didático pedagógico, corrobora a aprendizagem dos conteúdos curriculares, além de despertar nos estudantes o senso de responsabilidade e aproximá-los na formação de hábitos saudáveis”, relata.



*O projeto somou outras oportunidade de aprendizagens ao alunos*

## Construindo pontes de saber

Desde a preparação da terra, os alunos mostraram-se altamente atuantes: plantaram sementes e mudas de hortaliças, regaram, colheram e participaram do preparo da salada. Acompanhar e atuar nessa dinâmica gerou muito entusiasmo entre os pequenos. É o que conta a aluna Lara Gomes da Silva, de 9 anos. “Na outra escola em que eu estudava não tinha horta. Aqui eu pude plantar e colher depois. Foi legal regar também. A tia Sheila fez chafariz com a mangueira e a gente se molhou. Foi divertido!”, diz Lara com um sorriso contagiante.

---

**Criar uma horta vertical do lado de fora da escola é o próximo passo**





*Mais do que plantar e colher, as crianças tornaram-se multiplicadores da importância de uma alimentação saudável*

Entre o plantar e o colher, existe o regar, o cuidar e o esperar. E todo esse processo foi acompanhado de perto pelos alunos. É gratificante perceber a satisfação das crianças em cada descoberta, seja pela percepção do crescimento das mudas plantadas, na transformação das sementes, numa minhoca encontrada no solo ou mesmo numa casca de banana servindo de adubo orgânico. São muitas as curiosidades surgidas que se transformam em matéria e pesquisa na sala de aula, explica a coordenadora. Tais experiências

indicam que a educação, numa abordagem transdisciplinar, é um meio eficaz de formar indivíduos aptos a escolhas mais adequadas.

A criança, permanecendo grande parte da sua vida na escola, sofrerá consequentemente influências desse meio na constituição de seus hábitos alimentares. Provavelmente, serão mais importantes, nesse aspecto, vivências significativas na relação com o alimento, do que discursos e conceitos sobre seus nutrientes.

## Rendendo bons frutos

Para o diretor-geral José Marcos de Assis Couto Júnior, vivenciar a realidade de ver os alunos da escola pública comerem do seu próprio plantio e retirarem alimento de um terreno do qual antes só se extraía amianto traz a lógica da sustentabilidade como ideia e como ação se concretizando. “Esse é o nosso objetivo enquanto formadores, aliar o conteúdo das matérias discipli-



nares a práticas prazerosas num território educativo, participativo e sustentável”, comemora.

Para os alunos a experiência também rendeu bons frutos, ou melhor, excelente “safra”. “Nós colhemos alface e coentro, lavamos e cortamos para comer na salada. Ficou muito gostosa! Agora eu peço para minha mãe colocar sempre esses produtos na minha comida”, afirma Ana Beatriz Machado de oliveira, 9 anos, toda orgulhosa do bom exemplo, lembrando que todo o preparo das hortaliças contou com a ajuda das turmas de séries mais adiantadas, que participaram lavando e cortando as verduras para a produção da salada, consumida por todos no almoço da escola.

## Horta vertical na escola

Nesse ano de 2020, além da horta comum, um dos nossos objetivos é preparar uma vertical no lado de fora dos portões da escola para uso da própria comunidade escolar, conta o diretor adjunto Paulo Vitor Faustino Marinho. Já na primeira reunião, os responsáveis presentes participaram do plantio de sementes de alguns temperos. “Agora é só esperar brotar para colocarmos em prática e colher os frutos dessa proposta”, ressalta.

A equipe diretiva da escola foi categórica em afirmar que o plantio vai além das sementes. A inserção de práticas cotidianas sustentáveis, a competência dos professores e a participação ativa das famílias são ferramentas que fazem brotar o sentimento de pertencimento e de identidade numa comunidade que se constrói junto com a escola, e que leva as crianças a se perceberem como seres sociais que atuam e transformam. “Estamos formando um aluno ativo-cidadão, conceito esse de uma Escola Olímpica Carioca, como a E. M. Professora Ivone Nunes Ferreira”, relata a coordenadora Tatiana.

■ *Por Antônia Lúcia*

**Escola Municipal Olímpica Carioca Professora Ivone Nunes Ferreira**

Rua Pery Ribeiro, s/nº – Senador Camará – Rio de Janeiro/RJ

**CEP:** 21830-490

**Diretor-geral:** José Marcos de Assis Couto Júnior

**Diretor adjunto:** Paulo Vitor Faustino Marinho

**Coordenadora pedagógica:** Tatiana Dias de Moura

# MATEMÁTICA É DO PROBLEMA

*Projeto estimula alunos a resolverem questões vividas no dia a dia através das exatas*

**Q**uando falamos de Matemática, a primeira coisa que nos vem à cabeça é: Muito difícil! Ainda que haja um quê de verdade nessa afirmativa, por outro lado sabemos que ela está em tudo, desde as coisas mais simples, como seguir uma receita de bolo ou calcular a distância para atravessar uma via, até as grandes construções e teorias.

Mas aqui no Ciep 340, localizado em Duque de Caxias, a professora Carla Andrade procura fazer do processo de ensino e aprendizagem algo interessante e significativo, com a participação ativa dos alunos. Por entender que a escola está além de simplesmente um ambiente para se aprender, Carla acredita que a troca de saberes e a felicidade precisam sentar ao lado de cada estudante.

“Nós aqui do Ciep 340 procuramos desenvolver um ensino de qualidade, de forma lúdica, valorizando o trabalho em equipe para que a aprendizagem seja mais útil ao aluno, ampliando suas experiências e fazendo com que o processo de ensino seja dotado de significados e muito mais alegre”, explica a professora.

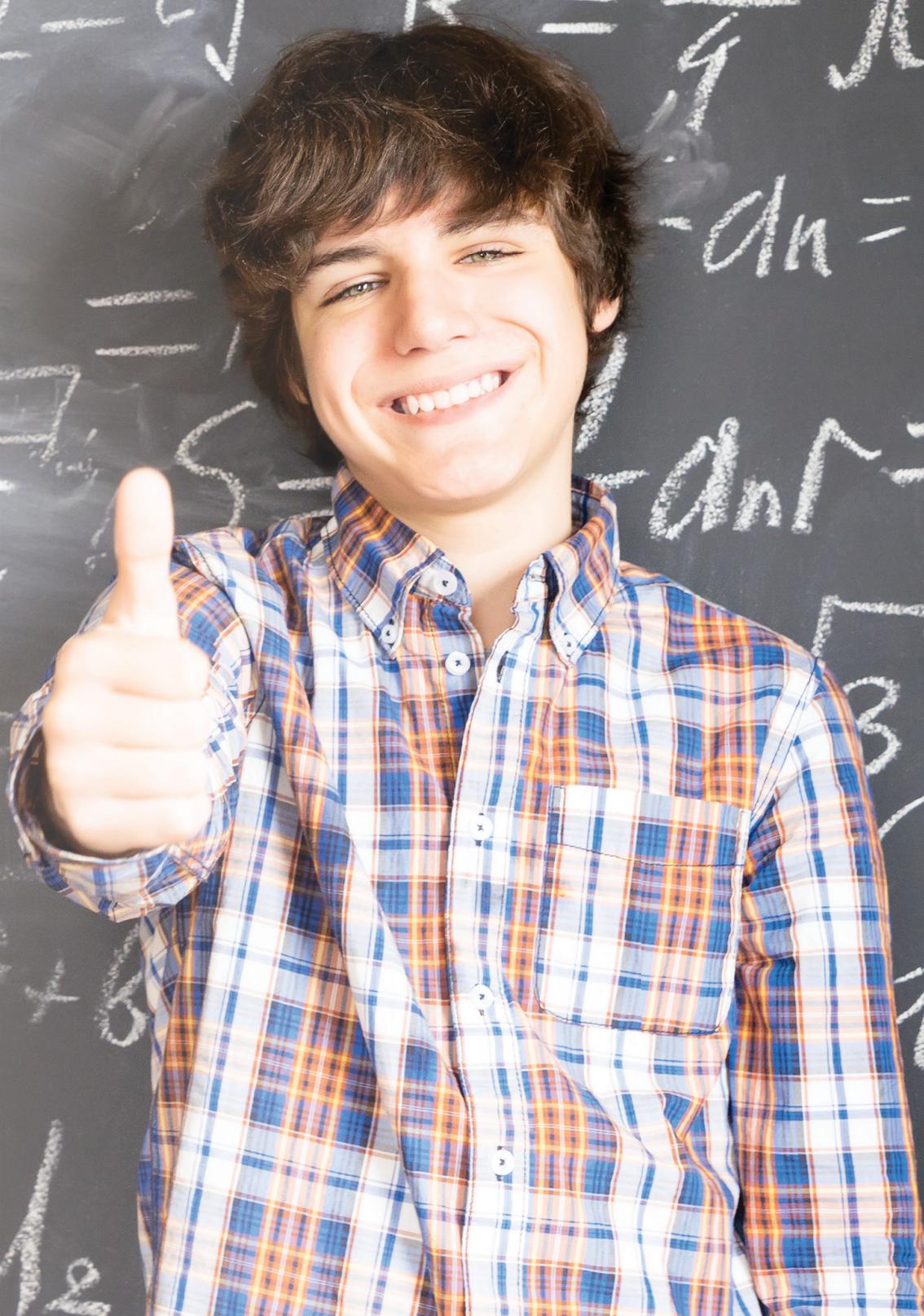
Pensando a Matemática como uma disciplina que vai além de números e cálculos, Carla desenvolveu uma gincana voltada para as atividades lúdicas, que recebeu o nome de *Gincana Matemática*, cujo objetivo é despertar no aluno a capacidade de gerar e apresentar soluções rápidas para vários desafios.

## Como acontece?

Voltado para os ensinos Fundamental e Médio, o projeto desenvolvido pela docente vai além da troca da aprendizagem pura e simples, por focar a problematização, promover situações nas quais os alunos propõem, procurando explorar e investigar as questões matemáticas, tanto as oriundas de situações reais como lúdicas.

“A Gincana é um tipo de jogo e, como tal, traz elementos relacionados à competição entre equipes, assumindo um caráter esportivo e cultural. A realização de um trabalho desse tipo envolvendo a Matemática como estratégia de aprendizagem é um exemplo de como a disciplina e a felicidade podem andar juntas”, explica Carla, argumentando que o grande desafio para a comunidade escolar está em mostrar na prática o quanto estudá-la pode ser divertido, mesmo tendo como ingrediente principal a resolução de problemas. “Nós procuramos desenvolver a capacidade de ‘fazer matemática’, construindo conceitos e procedimentos que os alunos vivenciem no dia a dia, alicerçando as competências básicas necessárias ao cidadão. E, dentro desse pensar, esse projeto tem se mostrado uma excelente ferramenta pedagógica”, reitera.

# A SOLUÇÃO





## Passo a passo:

Antes de começar o *game*, as turmas foram divididas em bandeiras. Totalizando até 6, que agregam alunos de todos os anos dos ensinos Fundamental

II e Médio, com um limite máximo de 60 pessoas por bandeira, distribuídos por 10 estudantes, no máximo, de cada ano escolar. Com tudo definido teve início a construção de cada atividade.

## Culminância

No dia da culminância cada bandeira apresenta as atividades preestabelecidas, como bandeira, grito de guerra e paródia. É onde se inicia a contagem dos pontos. Temos na parte externa atividades lúdicas que correm paralelas, como:

- Aresta x aresta (10 integrantes que carregam uma numeração em seu peito, que é resposta de várias perguntas envolvendo equações, potências, cálculos com as quatro operações e outros... onde cada "aluno-resposta" de cada aresta disputa um lugar no centro da figura.) Pontuando a bandeira que responde as questões corretamente.

- Quadrado Mágico (cada bandeira disponibiliza dois alunos para montar o quadrado mágico referente a sua bandeira, com a soma de números inteiros na diagonal ou em qualquer direção

**1º** os alunos de cada bandeira iniciam a construção de varetas (confeccionadas com cabos de vassoura e pintadas na sua cor) para a prova com esse jogo.

**2º** Cada bandeira arrecada entre eles alimentos que participarão do "mercadinho" e depois serão entregues a uma instituição próxima.

**3º** Cada bandeira construirá um tangran gigante com a utilização de papelão e outros materiais recicláveis.

**4º** As bandeiras construirão seus mascotes ou símbolos da matemática, que serão utilizados na apresentação no dia da culminância.

**5º** Cada bandeira apresentará um grito de guerra e uma paródia que será mostrada na culminância.



Em conjunto, a comunidade escolar mostrou que a criatividade eleva qualquer potência

no mesmo valor.) Atividade pontuada pelo tempo de resolução.

- História da Matemática (Nessa atividade cada bandeira apresenta dois matemáticos caracterizados e sua contribuição no estudo da disciplina.)
- Resolução de uma prova escrita (Dois integrantes de cada bandeira terão 1 hora para resolver 20 questões matemáticas), peso 2.
- Construção da pipa (Cada bandeira construirá no local uma pipa na cor de sua bandeira, que deve ser posta no ar). Trabalhando simetria e habilidades.
- Grande circuito: um aluno de cada bandeira terá que cumprir

várias provas presentes em um circuito, com partida e fim. A resolução de atividades em sequência envolvendo problemas matemáticos, afunda/não afunda, balança, piscina de bolas, mercadinho, frascos e volumes,

charadas matemáticas, figuras no tangran, varetas e outros.

### **A bandeira vencedora somará a maior pontuação.**

Tempo estipulado de ação: 20 minutos para cada atividade externa, exceto prova escrita (1 hora), e 40 minutos para todo o circuito. Totalizando 4 horas de atividades, aproximadamente.

**Pós-atividade:** a bandeira vencedora visitará uma instituição próxima, para levar os alimentos arrecadados por todas as bandeiras e utilizados na atividade do mercadinho.

Atentos a esse novo cenário de transformação, os professores têm tido a preocupação de envolver situações do cotidiano no desenrolar do projeto. “Buscamos fazer da matemática uma disciplina de investigação, propondo atividades nas quais a pesquisa, a curiosidade e o desafio estivessem sempre presentes”, declara a professora ratificando que o uso de jogos e desafios, se convenientemente planejados, são recursos pedagógicos eficazes para a construção do conhecimento matemático”, finaliza Carla. Bela jogada!

■ *Por Antônia Lúcia*

#### **Ciep 340 Professor Lais Martins**

Estr. Velha do Pilar, Nº 0 – Figueira – Duque de Caxias/RJ

**CEP:** 25250-000

**Tel.:** (21) 2676-1562

**E-mail:** pjoaquim@prof.educacao.rj.gov.br

**Professora:** Carla Andrade

Fotos cedidas pela escola

# A CULTURA DO C

---

Entenda esse movimento que tem força principalmente nas redes sociais e levanta questões importantes a serem debatidas



# ANCELAMENTO



**C**elebridades como Anitta, Bianca Andrade, Alessandra Negrini e Kevin Hart foram alguns exemplos de “cancelados” nas redes sociais. Hart havia sido escolhido para fazer uma *performance* na cerimônia do Oscar de 2019, mas acabou não subindo ao palco porque foi “cancelado” depois que as redes sociais recuperaram uma série de piadas homofóbicas que ele fez no começo da sua carreira. Mas afinal o que significa e o porquê de cancelarem pessoas? Reunimos nessa matéria informações e opiniões de especialistas acerca dessa questão que pode se tornar um tema para redação ou um debate em sala de aula. Confira!

A prática de cancelar pessoas começou no Twitter e está relacionada ao movimento #MeToo, onde mulheres das mais diversas origens escolheram compartilhar seus traumas referentes a abuso sexual para expor pessoas poderosas há muito tempo impunes. A série de denúncias de assédio sexual contra esses poderosos se espalhou pelo mundo a partir de 2017, o que fez com que vários agressores fossem “genuinamente ostracizados em uma onda cultural de alta velocidade impulsionada pelas redes sociais”, segundo descreve o jornalista Osita Nwanevu em uma análise na revista americana *New Republic*.

A psicóloga Elisa Bichels, especialista em terapia cognitivo-comportamental, processual e dialética, ressalta que os nichos sociais se formam não apenas por afinidade, mas por inimizade também. “Saber disso é o primeiro passo para entender o atual ‘mecanismo’ da cultura do cancelamento. ‘Cancelar’, na linguagem da internet, é a difamação, exclusão e banimento de um membro ou grupo de uma comunidade por outros membros da mesma comunidade. Hoje em dia, vários ‘grupinhos’ se separam ou se fortalecem baseados nas pessoas que eles ‘cancelaram’ em comum”, explica.

O psicanalista Lucas Liedker, que tem avançado em seus estudos nessa temática, explica que o cancelamento enquanto fenômeno está alinhado ao pensamento neoliberal em que vivemos. “Onde pautamos as nossas escolhas pela mentalidade de consumo e da substituição. Podemos deixar de comprar produtos de uma empresa envolvida em

um escândalo ambiental, assim como cortamos os vínculos com um familiar em função de seu posicionamento político”, garante.

Elisa e Rafael Bichels, este último estudante de psicologia do 9º período da UFRJ, chamam atenção para o fato fazendo um paralelo, dadas as devidas concessões, “à guilhotina do século XVIII, que prometia justiça à população da França, acabando com o abuso de privilégios. Entretanto, tal como a guilhotina, cancelamentos podem se tornar uma forma de espetáculo um tanto quanto sádica”.



## Os dois lados da moeda

Os Bichels atentam para o fato de que existem duas vertentes do debate quanto à cultura do cancelamento. De um lado pessoas poderosas que estão sendo cobradas de suas ações e reclamam que sua liberdade está sendo limitada pelos “mimizentos”. E do outro uma infinidade de anônimos na internet que negam que exista tal coisa de cultura

do cancelamento, e que os privilegiados simplesmente estão desacostumados à prestação de contas das pessoas comuns. “Nenhum desses lados está com a razão, e é uma grande falácia reduzir a discussão a linchamentos relacionados ao ‘politicamente correto’”, garantem.

A especialista aponta também alguns padrões que podem ser reconhecidos no processo de cancelamento de uma pessoa:

**1.** A adulteração da história, nesse caso o comportamento dado como problemático, para algo objetivamente pior através do “telefone sem fio”.

**2.** A pressuposição de culpa, independente de qualquer pessoa envolvida no cancelamento ter certeza de que a ação problemática de fato aconteceu da maneira que é dita.

**3.** A abstração dos detalhes específicos do comportamento em questão para uma afirmação mais genérica, geralmente mais palatável. Um exemplo bastante recente foi o uso da palavra “viado” pelo participante do BBB20 Babu, que instantaneamente no Twitter passou de “Babu usou uma palavra do linguajar regional” para “Babu fez um comentário homofóbico”.



**4.** A tendência ao essencialismo característica da cultura da internet atual como um todo, generalizando um comportamento até o ponto em que não se está criticando uma ação isolada, mas a pessoa como um todo. Seguindo ainda o exemplo de Babu, tão rápido quanto abstraímos seu comentário fora de contexto, passamos de “Babu fez um comentário homofóbico” para “Babu é uma pessoa homofóbica”.

**5.** O pseudo-intelectualismo utilizado pelas pessoas envolvidas no cancelamento para justificar os níveis aos quais pode chegar a vilificação de uma pessoa, geralmente abusando de princípios morais absolutamente válidos para encaixar em sua narrativa.



Arte por Beró

**6.** A incapacidade de perdoar, uma vez que toda e qualquer justificativa vai ser lida como falsa ou uma medida de relações públicas. Quando uma desculpa é rejeitada, é usada como mote para continuar a difamação e, quando é temporariamente aceita, ela será negada e ignorada da próxima vez que a pessoa cancelada falhar em “pisar em ovos”.

**7.** A propriedade contagiosa do cancelamento, ou seja, todas as pessoas que apoiarem, se relacionarem ou darem uma plataforma a alguém considerado cancelado é necessariamente tão problemático quanto o primeiro.

Segundo a psicóloga, em quase todos os casos nem todos esses padrões são repetidos, e a grande maioria das pessoas envolvidas em um cancelamento não o faz por malevolência, nem está sendo insincera. “A verdade é que a maior parte das verdadeiras vítimas da cultura do cancelamento não são os alvos de uma ‘caça às bruxas’, mas sim aqueles onde uma enorme controvérsia é manufaturada por cima de uma ação ou comentário problemático, afetando a vida profissional e pessoal como um todo, ao ponto de se tornar uma

**“É importante ficar atento às consequências que acusações frívolas podem causar, principalmente quando são usadas para escalar conflitos ao invés de resolvê-los”**

forma de espetáculo. Sedentos pela sensação de contas prestadas, nos esquecemos de que existe uma grande diferença entre responsabilizar uma pessoa que de fato fez mal a alguém ou a um grupo de pessoas e criticar uma pessoa que fez um comentário maldoso, inclusive em questão de punição”, explica Elisa.

A especialista pondera ainda que não devemos esquecer que piadas, ironias e mesmo reclamações quanto à cultura do cancelamento muitas vezes são usadas como uma cortina de fumaça por pessoas poderosas “que não querem seus privilégios revogados para esconder suas verdadeiras intenções, mas também é importante ficar atento às consequências que acusações frívolas podem causar, principalmente quando são usadas para escalar conflitos ao invés de resolvê-los”, finaliza.





# A MÚSICA COMO INS- TRUMENTO DE PESQUISA

---

Cantora Joanna participa de projeto pedagógico em escola pública

**S**em dúvida, estar próximo de alguém famoso no cenário musical dá um brilho nos olhos. E é exatamente por esse motivo que um projeto pedagógico foi realizado, porém de uma forma bastante criativa e metodológica. Isso porque a cantora Joanna recebeu convite para estar no Colégio Estadual Padre Anchieta onde sua vida profissional foi abordada numa grande pesquisa feita pelos alunos, que reuniu matérias como Língua Portuguesa, Artes e Matemática.

Fã incondicional da música popular brasileira (MPB), o diretor da unidade escolar, Renan de Oliveira Costa, não perdeu tempo ao lembrar que a cantora recentemente completou 40 anos de carreira. As-

ganizou com muito esforço e dedicação um evento para explorar a cultura musical através das obras de Joanna no projeto *Sessão das Quinze*.

A escolha da cantora para este evento se deu em função de seu exemplo de trabalho e persistência contínuos até se consagrar como compositora e cantora reconhecida por outros artistas de maior prestígio, como Milton Nascimento e Gonzaguinha. Joanna ressalta como a escola participou de sua formação artístico-pessoal. “Eu sou fruto dessa educação escolar, sou fruto dessa missão dos professores. Estar aqui é concretizar um sonho de voltar alguns anos e viver como, através do ensino público, me tornei a cantora que sou hoje em dia”.

O projeto pedagógico teve como metodologia principal a pesquisa. Para isso, os estudantes precisaram ir atrás de algumas respostas para que no dia do evento pudessem expressar artisticamente. Uma das questões foi “quando a cantora começou a ficar famosa?”. A resposta veio dos alunos da professora de Língua Portuguesa Néia Albino, que revelaram que Joanna começou a se destacar no programa do Chacrinha. E, no dia da culminância, um jovem representou o “Velho Guerreiro”, apresentando a Discoteca do Chacrinha. Diogo Moisés, do nono ano, conta como conseguiu desempenhar o papel dessa tradicional figura: “A professora pediu para eu pesquisar, para incor-

porar o personagem mesmo. Verifiquei no Youtube como é que ele entrava no palco, os bordões, ‘Terezinha’, essas coisas que ele falava; trabalhei bastante para entrar no papel”, conta o jovem.

Além dos alunos, a equipe escolar também colocou a mão na massa para produzir o conteúdo do evento. A direção, por exemplo, filmou depoimentos de amigos de Joanna, tais como Daniel Gonzaga e Elba Ramalho, que a parabenizaram. A equipe



conseguiu ainda uma carta da irmã da cantora, que lhe produziu grande emoção.

Joanna estudou em uma escola pública municipal da Pavuna e por isso demonstrou grande afinidade com o C. E. Padre Anchieta. “Graças a Deus tive a oportunidade de voltar a uma escola em Duque de Caxias, lembrando com muito carinho tudo que aprendi. Foi graças ao brilho e à mágica do ensino que me tornei uma cidadã comum e do



mundo. Todo cidadão brasileiro tem direito à educação”, ressalta a cantora.

A professora de Matemática Elaine Marinho diz que a região da comunidade escolar é muito pobre em eventos artísticos, e os alunos conhecem muito pouco da verdadeira cultura brasileira. “Com esses encontros eles saem um pouco do cotidiano daquelas músicas de massa que tocam nas rádios ou mesmo nos canais que eles escutam no celular”. A professora cita que a música os motiva a pesquisar a vida dos artistas, de onde vieram, o que fizeram e, dessa forma, eles acabam conhecendo os grandes nomes da cultura. “Os alunos são muito imediatistas e não estão acostumados a esse processo de pesquisa, por isso este projeto é superimportante para eles”, ratifica Elaine.

Para a aluna Mariana Oliveira, de 15 anos, estudante do 1º ano do Ensino Médio, o projeto foi um sucesso! “Pais, alunos, profissionais e todos os con-

vidados estavam reunidos para prestigiar a música brasileira, que é tão bem representada pela cantora Joanna. Foi um grande prazer participar de mais um evento, que prova que com muita dedicação e carinho é possível fazer uma escola pública de qualidade e cheia de Artes!”.

Ao final do projeto os alunos produziram um jornal relatando todo o processo de construção da pesquisa até a concretização, contando com produção textual de forma colaborativa.

Através do projeto *Sessão das Quinze*, o diretor-geral da unidade escolar, Renan de Oliveira Costa, vem fomentando o conhecimento das artes brasileiras no colégio desde 2013. Em outras edições, já realizaram homenagens aos cantores: Gonzagão e Gonzaguinha e Daíra cantando Belchior. Assim, a comunidade escolar estreita, cada vez mais, laços com a cultura popular.

■ Por Richard Günter

**Colégio Estadual Padre Anchieta**

Av. Trinta e Um de Março, s/nº – Parque Paulista  
Duque de Caxias/RJ

**CEP:** 25261-000

**Tel.:** (21) 3666-1278

**E-mail:** cepadreanchieta@hotmail.com

Fotos cedidas pela escola

**[Você pode conferir o jornal clicando aqui!](#)**

# UM MANIFESTO À IGUALDADE

Através de atividades artísticas e lúdicas, alunos aprendem sobre direitos e deveres da vida em sociedade



**E**m meio ao crescimento das ações agressivas contra as mulheres no Brasil, jovens e adultos se unem para uma ação de reflexão sobre o papel de cada um, entendendo os valores como educação e respeito para construção da humanidade. A iniciativa foi desenvolvida na Escola Municipal Dr. João Alves Martins, localizada em São João de Meriti, com os alunos da 9ª etapa do Ensino Fundamental II da EJA.

Através de atividades artísticas e lúdicas de ensino, os estudantes aprenderam sobre direitos e deveres individuais e coletivos da vida em sociedade. Mediado pelos professores Ana Lúcia Santos (Matemática), André Moraes de Almeida (História) e Anselmo Martins Saldanha (Língua Portuguesa), a proposta era promover também a interação entre as disciplinas. “Fazendo o aluno compreender que as histórias individuais são parte integrante de trajetórias coletivas em que as diferenças precisam ser conhecidas e respeitadas”, explica André.

Anselmo ressalta que, através da Língua Portuguesa, a ideia foi propiciar a utilização da linguagem oral e escrita para melhorar a qualidade das relações, tornando os alunos capazes de expor suas opiniões, assim como de receber e interpretar as do próximo, para contrapor quando necessário. Para Ana Lúcia, a Matemática possibilita a compreensão da relação existente entre a lógica, a própria disciplina e o raciocínio, pois juntas elas estabelecem conexões que auxiliam na estruturação do pensamento.

## Chegou a hora de começar...

Orientados pelos professores, os estudantes deveriam seguir alguns requisitos para execução dos trabalhos, que teriam a duração de 4 semanas. Entre as propostas de ação apresentadas estavam: pesquisa e comparação sobre dados de feminicídio na cidade de São João de Meriti, no Estado do Rio de Janeiro e no Brasil; levantamento de informa-



*Através da queda das máscaras pretas, o grupo representou o empoderamento e o resgate da autoestima feminina*

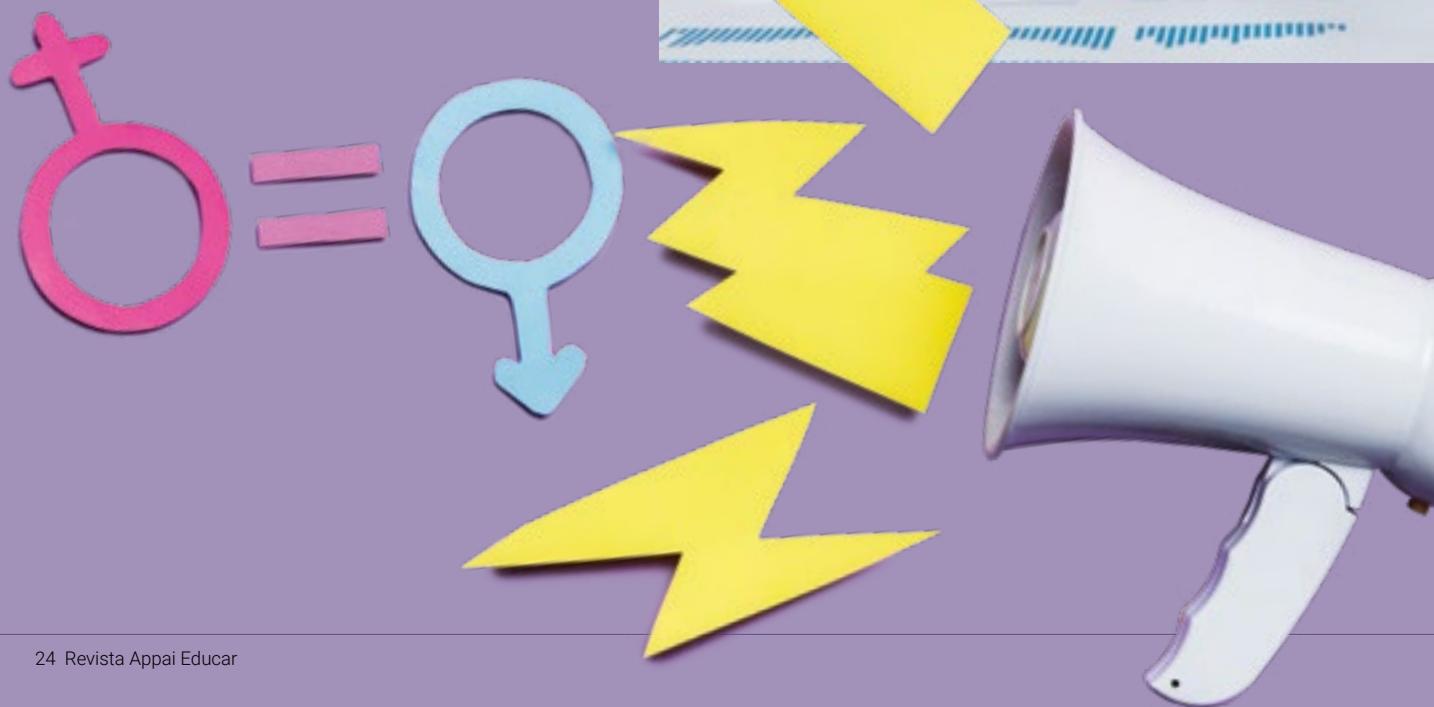
ções e criação de gráficos sobre crimes contra mulheres da Unidade Escolar; apresentação das leis Maria da Penha e sobre o Femicídio; explanação sobre a garantia dos direitos fundamentais dos indivíduos no Brasil; exposição do filme britânico “As Sufragistas”, que aborda a desigualdade histórica do direito ao voto; realização de discussões e debates crítico-reflexivos; produção textual narrativa sobre violência contra a mulher; criação de curtas-metragens sobre feminicídio, entre outras.

## Apresentando os resultados

Missão dada é missão cumprida! Os discentes participaram de atividades em sala de aula sobre os tipos de violência que as mulheres sofrem, apresentaram curtas-metragens desenvolvidos por eles, realizaram a leitura dos textos narrativos e participaram de uma dinâmica do empoderamento e resgate da autoestima feminina, através da queda das máscaras pretas e do desfile no tapete vermelho.

## Mudança dentro e fora da escola

A aluna Simone Cristina Gomes Pantoja conta que viver essa experiência fez com que enxergasse que a questão da violência contra a mulher não é uma situação isolada. “Abriu a minha visão sobre o





que é abuso e quanto a outros tipos de agressão. Todavia, isso me deu esperança. Ainda podemos mudar, ganhar espaço, ensinar nossos filhos e netos a tratar uma mulher com respeito e admiração. Através desse entendimento, ensino não somente às minhas filhas como a todas as mulheres com as quais tenho contato, incentivando-as principalmente a se amarem e se respeitarem. Retornei aos estudos em 2019 e sou grata pela oportunidade que esse projeto proporcionou. Para mim se tornou uma motivação para lutar mais ainda pelos meus objetivos e direitos”, garante.

A colega Bianca Loreti de Lima completa afirmando que falar sobre o projeto é gratificante. “Apreendi tanto e percebi que não foi somente eu. Algumas pessoas da minha turma o assimilaram e abraçaram com unhas e dentes. Infelizmente, muitas mulheres não têm essa chance e são brutalmente assassinadas por seus parceiros. Eu vivia um relacionamento abusivo, não podia nem emprestar minhas roupas para minha mãe. Não podia soltar meus cabelos e fui obrigada a largar os estudos”, lembra a estudante.

Bianca ressalta ainda que foi através do projeto que ela conseguiu ver o quanto era infeliz e como poderia viver bem e realizar os sonhos sem ser proibida de fazer o que gosta. “Hoje sou livre. As mulheres deveriam acordar para a vida e criar coragem. É preciso denunciar as agressões, porque quem as pratica dificilmente mudará seu comportamento. Na escola, descobrimos o que muitas mulheres passam ou já passaram. Conseguimos mostrar para nossas colegas o que deveriam fazer. Fico muito feliz por ter ajudado!”, finaliza.

deveria viver bem e realizar os sonhos sem ser proibida de fazer o que gosta. “Hoje sou livre. As mulheres deveriam acordar para a vida e criar coragem. É preciso denunciar as agressões, porque quem as pratica dificilmente mudará seu comportamento. Na escola, descobrimos o que muitas mulheres passam ou já passaram. Conseguimos mostrar para nossas colegas o que deveriam fazer. Fico muito feliz por ter ajudado!”, finaliza.

■ *Por Jéssica Almeida*

**Escola Municipal Dr. João Alves Martins**

Av. do Canal, s/nº – Vilar dos Teles – São João de Meriti/RJ

**CEP:** 25560-510

**Tel.:** (21) 3752-3240

**E-mail:** emdrjoaoalves@gmail.com

**Direção:** Márcia Alencar e Isabel Cristina

Fotos cedidas pela escola





# QUAN TRAN

NO MEIO  
ESSE CAOS  
KISTE O  
BEM



ANDO A ARTE  
SFORMA A VIDA

# Dia Internacional da Mulher ganha novo sentido a partir de trabalho de base realizado entre alunos



**A** construção do longo caminho percorrido na trilha da igualdade entre homens e mulheres tem sido erguida desde que a mulher percebeu que, assim como o homem, ela é parte integrante da civilização. Avanços, desilusões e conquistas marcam essa trajetória, entretanto ainda há muito para se fazer.

E foi a partir dessa consciência humanitária, de que o respeito é o eixo para que se tenha uma sociedade mais justa e igualitária, que a professora de Artes Visuais Geane Senra de Oliveira começou a idealizar o projeto *Lugar de mulher é onde ela quiser*, entre as turmas do II segmento do Fundamental da escola Municipal Mozart Lago, localizada em Osvaldo Cruz, na Zona Norte do Rio.

## Não é não!

A observação do cotidiano escolar foi o *start* para que Geane saísse do que chamou de zona de conforto e iniciasse um trabalho de base entre os estudantes acerca dos direitos das mulheres. “A ideia era pontuar os problemas comportamentais de assédio existentes entre alunos e levá-los para serem discutidos em sala de aula”, enfatiza.

Mesmo sabendo que não seria uma tarefa fácil para ninguém, ainda mais se tratando de uma prática banalizada fora e dentro dos muros escolares, Geane conta que não se intimidou. “Passei a interferir conversando com os alunos sobre assédio e, ao abordarmos o tema, as meninas se sentiram protegidas para falar abertamente”, recorda a professora.

Para as mulheres no Brasil, o fato de sermos 51,6% da população – em números absolutos, 6,3 milhões a mais em relação aos homens, segundo a Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) 2014, divulgada pelo IBGE – não altera a situação de a cultura machista ainda continuar sendo um ácido corrosivo no dia a dia feminino.



*Juntos, meninas e meninos debateram temas ditos "normais" para eles, mas que na verdade são ofensivos e considerados machistas pelo público feminino*

De acordo com a professora Geane, o desconhecimento de homens e mulheres acerca de seus deveres e direitos contribui para essa crescente naturalização da violência, sobretudo contra elas. Isso, segundo a docente, acaba abrindo ainda mais espaço para que situações hediondas sejam vistas como algo natural. “Antes, ninguém

tinha muita consciência do que era feminismo, por exemplo, e o projeto ajudou nisso. Eu, por exemplo, tinha só uma ideia, de influências *pop* e de casa, mas não conseguia dividir aquilo que sentia sobre meus direitos com a minha sala”, afirma Kamilla Victória Rabe, aluna do 1º ano do Ensino Médio.



*Ao final do projeto a comunidade escolar percebeu que só há avanço quando todos caminham na mesma direção*

# Mediação de conflitos: sempre um desafio

Mesmo ciente de que encarar conflitos é algo com que todos nós, em algum momento da vida, teremos que lidar, Geane diz que um dos maiores desafios encontrados foi realizar essa mediação. “Em sala surgiram situações em que alguns meninos justificavam, por exemplo, que mexer com menina na rua era um elogio”, lembra a professora pontuando que essa visão banalizadora é na verdade a configuração de um preconceito estrutural.

Em outros momentos, conta a educadora, alguns meninos disseram que o fato de uma me-

nina ou mulher usar um *short* mais curto abre um espaço para que seja assediada. “Para muitas alunas, ouvir isso foi uma afronta, uma vez que a roupa que a mulher usa não dá o direito a ninguém de assediá-la”, sentencia.

Mas o esforço tem valido muito a pena. Segundo Geane, com os trabalhos desenvolvidos através do projeto *Lugar de mulher é onde ela quiser*, houve uma considerável mudança entre os educandos. “Percebemos que diminuiu o assédio e, dentro de sala de aula, há mais respeito e agora ‘não é não!’”, conta ela.

## Uma trilha de transformação

Ao comemorar o Dia Internacional da Mulher 2020, Geane recapitula com muito carinho quando preparou a primeira aula especial para celebrar essa data, no ano de 2017, onde tudo começou. De um modo geral, ainda atualmente, quando falamos em direitos, logo lembramos de momentos históricos que mudaram a trajetória feminina, como, por exemplo, o Decreto do Trabalho das Mulheres, de 1932, que estipulou a licença-maternidade, proibiu a desigualdade salarial e regulou a jornada do trabalho feminino, dentre outras coisas. “Contudo, não recordamos de atitudes mais simples, mas tão importantes quanto as demais, como, por exemplo, o respeito diário ao direito da mulher”, reafirma a professora Geane.



■ Por Antônia Lúcia

**Escola Municipal Mozart Lago**

Rua José Carvalho Salgado s/nº – Oswaldo Cruz – Rio de Janeiro/RJ

**CEP:** 21340-300

**Tel.:** (21) 3016-1335

**E-mail:** emmlago@rioeduca.net

*Matéria de Capa*

# ENSINO *ON-LINE*: SUA SALA DE AULA



# SUA CASA, LA

---

Comunidade escolar  
transforma adversidade  
em novas formas de  
ensino-aprendizagem



**C**om a chegada dessa crise mundial, a comunidade escolar vive uma nova realidade na esfera do ensino-aprendizagem. Que o digam os milhares de professores e alunos das redes pública e privada com a suspensão das aulas por conta da proliferação do coronavírus. O que começou com um cheirinho de férias – fora de época – rapidamente se transformou em uma realidade muito atípica para todos. Diretores, gestores, professores, alunos e família perceberam que a educação, assim como os demais setores da economia, não poderiam se dar ao luxo de não serem repensados em todas as suas nuances. Nesse segmento, não só a rotina dos envolvidos no processo educativo mudou, mas também as metodologias e práticas de ensino tiveram que ser adaptadas para a modalidade a distância. (Veja o que o [EAD Appai](#) e a [Educação não para](#) prepararam para você, professor!)

Todo o cotidiano da prática pedagógica, que até então era quase que noventa por cento vivenciado dentro das salas de aula, teve que ser readaptado ao modelo a distância. Não que o EAD seja uma novidade ao público estudantil, mas o desafio está centrado na falta de opção de políticas voltadas para essa necessidade, tanto de alunos como de professores, sobretudo nas séries iniciais e no caso de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento/TEA e altas habilidades/superdotação.

## Isolamento é tão obrigatório quanto aprender

Antes mesmo de se pensar em novas metodologias pedagógicas, a comunidade escolar teve o papel de encorajar os alunos e seus familiares a assumirem essa nossa convivência social, vivida através de uma espécie de “liberdade vigiada”, que aflige milhões de pessoas por ser algo totalmente novo.

Essa situação de perda temporária do direito de ir e vir, em prol da saúde de todos, tem sido a lição a ser aprendida pelos alunos para que, só então, o

conteúdo didático pudesse começar a ser introduzido através da internet e, sobretudo, das muitas plataformas de educação, como, por exemplo, o [Google For Education](#) que com suas [ferramentas colaborativas](#) oferece a alunos e professores novas experiências para uma melhor aprendizagem.



## Como a tecnologia pode ajudar as escolas a vencer a pandemia?

Da noite para o dia milhares de professores tiveram que encontrar novas formas de lecionar e milhões de estudantes, de aprender. Um grande desafio para quem ainda está acostumado com salas de aulas tradicionais, cercadas por paredes, com cadeiras enfileiradas e um quadro branco.

A Doutora em Educação, especialista em tecnologias digitais aplicadas à educação e Diretora do Instituto Crescer, Luciana Allan, ressalta que não podemos esperar que todos se adaptem repentinamente a estes novos tempos. “Sabemos dos inúmeros problemas de conexão à internet, mas é um ótimo momento para nos reinventarmos e criarmos coragem de testar o uso de ferramentas tecnológicas já disponíveis para estruturarmos alternativas no formato de educação a distância. Pensar fora da caixa pode ajudar a mitigar o problema momentâneo, como também colaborar para fortalecer a cultura digital e avançar rumo a uma nova educação, como há bastante tempo já temos discutido”, pondera.

A especialista conta que está acompanhando o que as escolas e docentes de diversos países estão realizando para minimizar os impactos da pandemia no ano letivo. “A boa notícia é que muitos professores vêm deixando de lado os preconceitos e estão sendo resilientes, buscando entender o potencial dos recursos disponíveis, não se furtando a buscar e implementar soluções tecnológicas que antes do vírus eram vistas como secundárias e agora se transformaram em ferramentas padrões para dar aulas síncronas e assíncronas, compartilhar conteúdos, corrigir trabalhos, tirar dúvidas e trocar conhecimentos”, exemplifica Luciana.

Muitas plataformas abertas estão disponíveis e podem ser utilizadas para aulas virtuais, como o próprio Microsoft Office 365, o Google Classroom, o Trello e tantos outros *softwares* direcionados para organizar reuniões, no caso aulas, fazer *upload* e *download* de arquivos, gravar vídeos ou áudios, criar grupos, fazer pesquisas, produzir jogos e várias outras atividades que permitirão o desenvolvimento de novos formatos de ensino e aprendizagem *on-line*.



Não custa lembrar que a maior parte dos estudantes, mesmo com acesso limitado à internet, já usa celulares regularmente. Eles estão prontos para acessar ferramentas como estas, incluindo o WhatsApp e outras redes sociais que, se bem utilizadas, podem ser uma excelente saída para organizar o conteúdo didático e manter os alunos conectados e engajados.

Em artigo para o [Edutopia](#), a consultora em educação Laurel Schwartz recomenda que os professores promovam também atividades em papel para que os estudantes não fiquem o tempo todo na frente do computador ou do *smartphone*. As orientações podem ser dadas *on-line*, mas as atividades podem ser desplugadas e, depois de finalizadas, fotografadas, filmadas ou digitalizadas para serem compartilhadas com os colegas e docentes.

Laurel recomenda também que, durante o horário letivo, os professores estejam conectados a *softwares* de comunicação instantânea, como o Skype, WhatsApp e Zoom, para poderem atender e interagir com os alunos em tempo real enquanto estão estudando e fazendo suas lições de casa, o que irá trazer maior conforto aos pais e aos próprios estudantes, na medida em que vai colaborar para diminuir a sensação de isolamento. Para evitar que se dispersem navegando *on-line*, uma dica é que todos os arquivos sejam disponibilizados em um único repositório, como por exemplo o One Drive, evitando compartilhar *links*, o que pode levar a que desviem sua atenção.

## Ensino a distância aproxima comunidade escolar

Em uma escola privada do subúrbio carioca, a diretora Eliane está utilizando o WhatsApp para falar com pais e alunos, a fim de que não haja um distanciamento ou comprometimento do calendário inicial das ações da escola, como provas, testes, feiras e outras atividades, fora o conteúdo diário de cada disciplina.

“Nesses últimos dias nós professores estamos focados na elaboração de atividades pedagógicas para atender aos nossos estudantes a distância”, afirma Eliane, que ressalta que para fazer com que tudo dê certo a escola conta com um tripé essencial nessa empreitada: escola, aluno e família.





*Opinião especial por Sandro Gomes*

## **Driblando o isolamento**

*Como os países atingidos pela epidemia têm enfrentado a quarentena sem escola*

A epidemia de alcance mundial provocada pelo coronavírus tem causado transtornos e forçado as pessoas a adaptar várias atividades para continuar seguindo em frente. Não há dúvida que uma das áreas mais afetadas por esse problema é a educação, que tem convivido com o afastamento de estudantes da escola em todo o planeta, quase 800 milhões de pessoas, segundo a ONU.

Mas, como acontece com os demais campos de atividade, a educação não pode parar. E a criatividade – e sobretudo a tecnologia – têm entrado em campo para tentar pelo menos amenizar o problema. Os países mais fortemente afetados pela pandemia, e que estão lidando com o problema há mais tempo, estão dando importantes exemplos de como não apagar a chama da educação, mesmo em tempos duros como os de hoje.

A China, que foi onde a doença apareceu primeiro, manteve a priorização da educação mesmo em meio ao caos e, aproveitando os recursos tecnológicos que hoje predominam em suas cidades mais desenvolvidas, apostou alto em plataformas onde fosse possível levar as lições aos seus mais de 180 milhões de estudantes.

Através de parcerias com empresas de tecnologia, o governo chinês tem possibilitado que os professores postem aulas, conteúdos e até coordenem atividades em conjunto, para que nem a ausência do ambiente da sala de aula seja tão sentida pelos estudantes.

Os chineses também estão usando a estrutura empregada para manter as atividades educativas para conscientizar os alunos sobre a própria doença. O tema tem sido estimulado como matéria de

estudo, e os estudantes sendo convidados a compartilhar seus trabalhos e demais conteúdos sobre o assunto. Esse aumento de informação também ajudou bastante para que o cumprimento das medidas de isolamento adotadas desse bom resultado no controle da epidemia.

Os japoneses também não ficaram atrás de seus vizinhos asiáticos e, como não poderia deixar de ser, mobilizaram soluções tecnológicas para não deixar que os estudantes ficassem ociosos. Isso foi fundamental para o país, já que lá o ano letivo termina no mês de março. Ou seja, as provas finais e trabalhos de conclusão, que poderiam estar comprometidos com a paralisação, não deixaram de ser realizados.

E se alguém poderia pensar que pelo menos as cerimônias de formatura seriam canceladas se enganou. Os estudantes japoneses estão tão familiarizados com o uso da tecnologia na educação que criaram uma solução para não deixar de celebrar o fim de seus períodos escolares.

Em uma iniciativa que partiu exclusivamente dos estudantes, sem participação inicial dos professores, o *game* Minecraft foi utilizado para recriar o ambiente das escolas e simular o evento de formatura. Não foram esquecidas inclusive as pompas próprias da ocasião, como tapete vermelho e palco para entrega dos certificados.

Com o horário determinado e compartilhado pelos alunos, todos “compareceram” para receber o seu canudo. A novidade se espalhou pelo país de 125 milhões de habitantes e se repetiu em várias escolas. Sem dúvida uma bela maneira de não interromper o processo educativo e driblar as tensões desses dias de epidemia.

Na Europa, as tentativas de criar soluções para não interromper a atividade escolar também estão revelando boas surpresas. Em Portugal, por exemplo, já havia uma rede de professores treinados para educação a distância, voltada para atender portugueses residentes em países africanos de língua portuguesa, onde o ensino é deficiente, e também regiões do país com menos acesso a escolas.

Esses professores estão passando sua experiência para seus colegas e ajudando assim a pular uma etapa de adaptação dos docentes que poderia prejudicar os estudantes. O resultado é que muitos profissionais de ensino estão se surpreendendo com as respostas deles ao que tem sido proposto *on-line*.

Um deles é a professora Paula Vaz, que afirma nunca ter se sentido tão próxima de seus alunos. Ela cita como exemplo uma redação que pediu para os estudantes criarem sobre a epidemia: “Recebi textos belíssimos e tem havido uma troca de experiências e desabafos. Os alunos estão a trabalhar de fato, quando em sala de aula alguns deles estavam à conversa e não faziam nada”.

Na Alemanha, um país que tem sido muito elogiado no combate à epidemia, o ensino, principalmente dos primeiros níveis, está sendo bastante prejudicado, porque valoriza muito atividades interdisciplinares e projetos coletivos. A saída tem sido explorar plataformas que de alguma maneira permitam a conexão entre os alunos.

Um outro ponto importante no país tem sido a preocupação com a situação educacional e psicológica dos estudantes cujos familiares trabalham em atividades indispensáveis para o tratamento da doença. Por isso, várias escolas alemãs estão criando grupos de emergência. Esses alunos, ao contrário da maioria, estão indo para a escola, e os professores estão se revezando para que eles não percam o conteúdo escolar e também não sintam tanto a ausência dos pais acompanhando seu desempenho, já que estão aplicados em combater a doença. “Solidariedade fundamental em tempos como esse que estamos vivendo”, afirma Irena Bender, professora há 10 anos da rede pública de Berlim.

Aqui no Brasil não tem sido diferente. Muitas instituições vão recorrendo a maneiras de compensar a ausência da escola, mantendo os alunos conectados com ela. Na maior parte das vezes isso tem sido feito, como nos exemplos que vimos acima, através da tecnologia, mas nem sempre! Há muitos educadores fazendo esforços pra driblar a falta de recursos com muita criatividade.

Mas seja aqui ou em outras partes do mundo, uma coisa parece certa. As salas de aula não serão mais as mesmas em todo o planeta, depois da experiência de isolamento ocasionada pela pandemia. Se estamos assistindo uma dura realidade humanitária, também podemos estar diante de um novo patamar mundial na educação.

## Educação e prevenção: antes, durante e depois

Na volta às aulas, nada de aperto de mãos, beijo e abraço. Agora é o momento de mudar hábitos para se proteger da pandemia. A educação e a prevenção precisam, impreterivelmente, andar unidas mais do que nunca! Em tempos de dúvidas e preocupações sobre a doença que se alastra pelo mundo, nada melhor do que levar para os alunos a pesquisa, o debate, o estudo sobre como se prevenir e evitar a transmissão do vírus.

Além das medidas preventivas básicas, como lavar as mãos com água e sabão, estar a pelo menos 1 metro de distância, evitar beijos e abraços, a escola pode estar atenta a outros cuidados, como observar se os estudantes estão com sintomas semelhantes aos descritos para a doença. E, se isso acontecer, é imprescindível ficar em casa em isolamento, pelo menos 14 dias, conforme orientação médica.

É de extrema importância também manter sempre higienizados os espaços usados pelos alunos, como mesas, cadeiras e objetos pessoais para alimentação. A unidade escolar pode incentivar os estudantes a usarem cada um a sua própria garrafa d'água, para evitar a utilização coletiva do bebedouro.

Apesar de não fazerem parte do grupo de risco (que envolve idosos, pessoas com problemas no coração, respiratórios, diabéticos e com baixa imunidade), os estudantes são igualmente infectados tornando-se vetores do vírus. Por isso, a atenção nesses ambientes deve ser redobrada, pois o aluno pode ficar assintomático e levar o vírus para o professor ou funcionário da escola.



As escolas do Brasil inteiro adotaram o isolamento doméstico para todos os alunos por um período de 15 dias. Infelizmente, essa medida foi entendida por muitos como “férias antecipadas”. Os estudantes continuaram a sair de casa para praias, *shoppings* e parques, até que alguns governantes determinaram bloquear os vales-transportes estudantis como forma de barrar esses passeios nesse período crítico de saúde pública. Enquanto isso, o Ministério da Educação (MEC) apresentou algumas ações contra a pandemia para o retorno das aulas nas escolas.

A página oficial do Comitê Operativo de Emergência (COE) no Portal do MEC afirma que desenvolveu uma plataforma de monitoramento da disseminação da doença nas instituições de ensino. Também anunciaram a criação de um sistema *on-line* que permitirá a integração de dados sobre o vírus. A ferramenta tem como intuito reunir informações dos censos Escolar e da Educação Superior, além do número de pessoas infectadas e as instituições com aulas suspensas.

O MEC também prometeu a liberação de recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) para as escolas. Serão disponibilizados, de acordo com a pasta, 450 milhões de reais a instituições públicas de ensino do país. O objetivo é que a verba seja utilizada para compra de produtos voltados à prevenção, como álcool em gel, sabonete líquido, toalhas de papel e outros produtos de higiene.



# Na volta às aulas: como trabalhar a pandemia com os alunos?

Sem dúvida, essa é uma temática que pode ser amplamente explorada de forma que agregue diversas disciplinas. De acordo com a equipe multidisciplinar pedagógica da Nova Escola, isso é possível.

Na disciplina de Geografia, a partir de mapas que indiquem os países contaminados pelo vírus é possível construir análises sobre a transmissão de epidemias. Comparações, por exemplo, entre a disseminação em épocas passadas e hoje, com o desenvolvimento dos transportes e a possibilidade de que a doença atravesse o mundo em um curto espaço de tempo, são uma opção. Para quem busca informações atualizadas sobre os países, números de infectados, mortos e sobreviventes, o jornal El País criou um mapa dinâmico

com esses dados. Clique [aqui](#) para acessar. Sites como o Info-gram.com e o próprio Excel permitem criar gráficos de mapas.

Além disso, a pesquisa de outras epidemias que ganharam o mundo no passado pode ser uma atividade associada ao componente curricular de História, enquanto os mesmos dados rendem análise de dados estatísticos em textos, tabelas e gráficos em Matemática.

Em Língua Portuguesa ou estrangeira, é possível aproveitar para debater o efeito das *fake news*; explorar a busca de informações e dados, argumentos e outras referências em fontes confiáveis; e a produção de textos que colaborem para a construção de habilidades listadas na Base Nacional Comum Curricular.

A Revista Appai Educar quer saber: como você, professor, está fazendo para ensinar seus alunos durante esse período? Conte para nossa equipe através do e-mail [redacao@appai.org.br](mailto:redacao@appai.org.br) ou das redes sociais, postando uma foto ou um vídeo, e usando a hashtag **#souappai**. Vamos adorar conhecer sua iniciativa!





■ *Por Antônia Lucia, Jéssica Almeida e Richard Günter*

**Fontes:** who.int | Ministério da Saúde | MEC |  
coronavirus.saúde.gov.br | Nova Escola |  
JacquelineRenault.com.br | Exame.

Geografia

# O PAPEL DA MOBILIDADE URBANA

---

*Professora explora geografia da cidade para ensinar a importância do transporte público*



**P**or que há mais linhas de ônibus num bairro do que em outro? Qual a função do coletivo que faz integração com os ramais do metrô? Por que as bicicletas compartilhadas estão se popularizando nas grandes metrópoles? Todas essas questões refletem o desenvolvimento da mobilidade urbana de uma cidade. Diante desse debate presente no nosso dia a dia, a professora Dayana Francisco Leopoldo, de Petrópolis, tratou de esclarecer os questionamentos da turma de uma forma bastante didática e artística nas aulas de Geografia.

Na cidade da Região Serrana do Rio, a 68 quilômetros da capital, a situação não é muito diferente

dos grandes municípios que privilegiam o transporte individual ao coletivo. Afinal, ter mais automóveis circulando num espaço representa um risco à vida em sociedade. E é exatamente por isso que este tema virou assunto nas turmas de 5º e 6º anos do Colégio Estadual Princesa Isabel.

Nas primeiras aulas em que se discutiu a temática, colocaram o papel do automóvel na estruturação da vida na cidade. Assim, a professora convidou os estudantes a descrever como é o trânsito em Petrópolis. Na sequência, os alunos explanaram suas opiniões a respeito do transporte coletivo que era oferecido aos moradores do município. Como a maioria utiliza o ônibus, com um passe fornecido pelo estado, e perde tempo no trânsito, cada vez mais estressante, a avaliação dos jovens não foi positiva.



Pra oferecer mais embasamento dessa temática aos alunos, a professora adentrou na trajetória da evolução dos automóveis e suas funções na expansão da indústria, por exemplo. Depois veio a urbanização, breve história da malha rodoviária brasileira e o impacto que isso gerou no transporte de cargas. Outro ponto importante abordado foi a indústria automobilística implantada na gestão Jus-

celino Kubitschek, dando preferência aos pneus no lugar dos trilhos em todas as esferas.

Na sequência, Dayana falou sobre os meios de transporte em geral, inclusive aqueles com os quais seus alunos não estão muito familiarizados, como trens, barcas e metrô. O carro e o ônibus polarizaram as discussões, por serem os mais usados em Petrópolis. Todos reconheceram que



Os alunos desenharam o mapa do lugar onde vivem identificando o trajeto que fazem todos os dias, e depois expuseram e comentaram seus trabalhos

o primeiro traz conforto, rapidez e segurança, mas provoca barulho, fumaça e engarrafamento. O segundo foi alvo de muitas dúvidas. “Por que tem mais linhas em um bairro do que no outro?”, perguntaram uns. “Se é público, por que temos de pagar passagem?”, questionaram outros. “Expliquei que um transporte público gratuito e de qualidade é possível, sim. Seria uma forma justa de retribuir economicamente à sociedade, que depende desse meio. Temos exemplos de cidades que adotaram o passe livre e nem por isso a qualidade diminuiu”, conta a docente.

Para finalizar, os alunos desenharam numa folha A4 o mapa do lugar onde vivem identificando o

trajeto que fazem todos os dias. Depois expuseram e comentaram seus trabalhos. “Embora muitos morem no mesmo bairro, as produções deles são completamente diferentes. Cada um valoriza aquilo que lhe chama mais a atenção”, explica a professora. Houve até quem aproveitasse para rever o trajeto diário. Larissa Pacheco Pereira, de 13 anos, concluiu que tomar um só ônibus era suficiente para ir de casa à escola depois de trocar impressões com a docente e os colegas (antes, ela tomava dois). “Hoje, chego mais cedo do que antes. O tempo que perdia, cerca de meia hora, eu ganho estudando para a prova”, explica a aluna.

■ Por Richard Günter

**Colégio Estadual Princesa Isabel**

Rua Gen. Rondon, s/n – Quitandinha – Petrópolis/RJ

**CEP:** 25650-027

**Tel.:** (24) 2291-0773

**E-mail:** ceprincesaisabel@yahoo.com.br

Desenhos feitos pelos alunos da escola

**Fontes:** Nova Escola | Seeduc

# SEU ALUNO TEM VOCAÇÃO LITERÁRIA AUTORAL?

---

Então essa é a chance dele se tornar um autor e lançar um livro de graça



**S**eu aluno é daqueles que gosta de ler e escrever, tira boas notas em português e literatura e ainda se destaca nas redações? Você já pensou que ele poderia se dar muito bem escrevendo um livro? Pensando nessas aptidões dos estudantes, a Ciranda de Livro, uma plataforma pedagógica virtual, permite aos alunos transformarem suas histórias em livros de forma gratuita. Alinhada à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e aos quatro pilares da educação da Unesco, a Ciranda conta também com a experiência de sua equipe de pedagogos e consultores em literatura.

A plataforma é da School Picture, empresa especializada em recordação escolar. “Os planos literários da Ciranda de Livro foram desenvolvidos por uma equipe de pedagogos com grande experiência em sala de aula”, afirma Fernanda

Caldas, coordenadora do programa. Diferenciada, a proposta da plataforma proporciona não só uma rica experiência de aprendizagem ao aluno. O projeto também agrega ferramentas de trabalho eficazes para o colégio, como por exemplo:

**DIÁLOGO COM A BNCC:** o aluno pode gerir a construção de seu texto a partir de suas próprias ideias e convicções, favorecendo a articulação da aprendizagem das múltiplas linguagens com as práticas de leitura, a produção escrita e a oralidade.

**PLANO LITERÁRIO APOIA O PROFESSOR:** os planos da Ciranda de Livro estão claramente interligados com as competências socioemocionais necessárias para as reflexões de uma sociedade que clama pela resolução de problemas complexos e na qual os estudantes estão inseridos.

**PROTAGONISMO DO ALUNO:** O estudante é colocado como protagonista de seu processo de aprendizagem, o que o sensibiliza para a ética e o pensamento crítico em um mundo carente de solidariedade e sociabilidade.

**ENGAJAMENTO FAMILIAR:** os pais colaboram com a experiência de seus filhos envolvendo-se nas pesquisas, nas práticas de leitura, literatura e escrita, além de apreciarem o resultado do processo. É uma cultura leitora que ultrapassa os muros da escola.





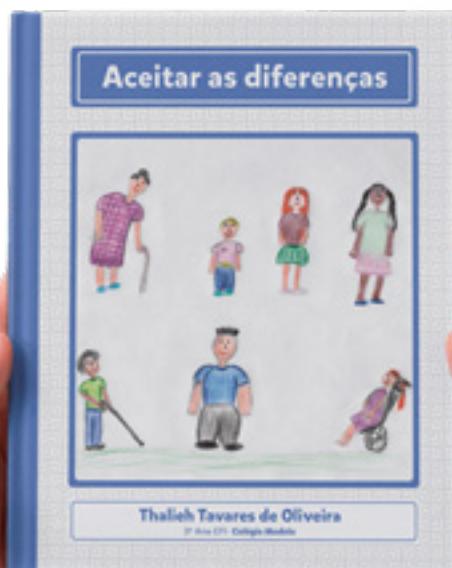
Os pequenos escritores transformam suas histórias em livros com design único

## Transformando Histórias em Obras-primas

Com design único, os livros produzidos pela Ciranda de Livro têm impressão de alta qualidade, resolução e acabamento rico em detalhes para tornar o produto ainda mais especial.

O evento de autógrafos representa o grande dia: a hora de receber o livro e apresentá-lo aos familiares e amigos em uma sessão de autógrafos. É um evento cercado de muita emoção para os pais e as crianças que recebem seus exemplares, autografam, escrevem dedicatórias e ainda aprendem lições preciosas.

Quer a Ciranda na sua escola? Então acesse [www.cirandadelivro.com.br](http://www.cirandadelivro.com.br) e preencha o formulário ao final da página principal com seu interesse. Ah, se a sua escola lançar um livro com os alunos, não esqueça de enviar um e-mail pra gente no [redacao@appai.org.br](mailto:redacao@appai.org.br) relatando tudo! Boa sorte!



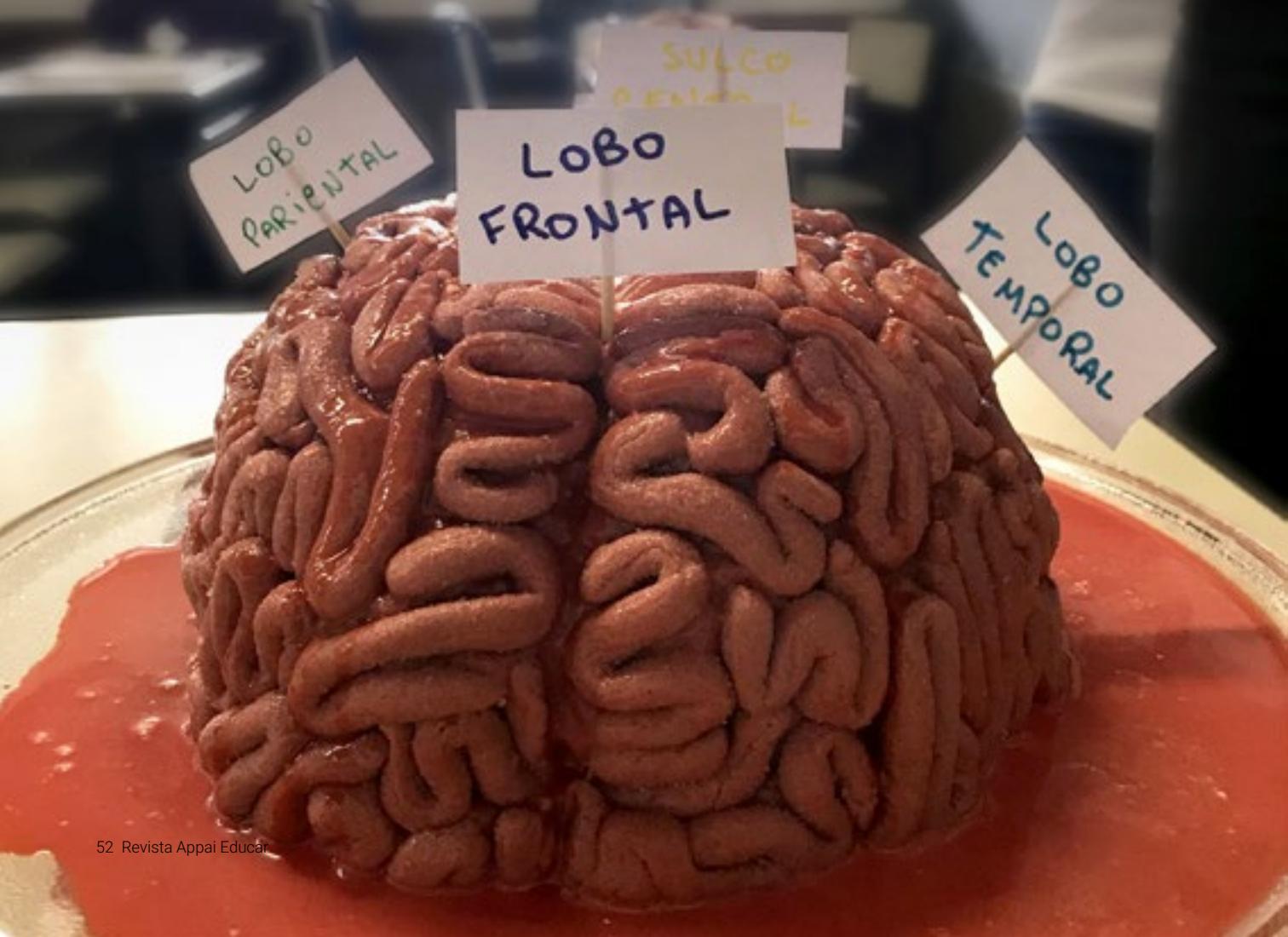
■ Por Richard Günter

Fotos retiradas do site Ciranda de Livro

Ciências

# CÉREBROS COMESTÍVEIS?

*Realismo impressiona na hora de aprender sobre anatomia*



**M**esmo sem se dar conta, os professores injetam inúmeras transformações no cérebro dos estudantes. Ao lecionar e estimular os jovens a aprender um novo conteúdo, eles

impõem novas conexões entre os neurônios e ainda geram modificações no padrão de liberação de neurotransmissores nas sinapses. Sem essas mudanças, que acontecem tanto na estrutura física do cérebro quanto na sua função química, não há aprendizagem.

Diante da magia e da grande incógnita que há por trás desse órgão fundamental em nosso organismo, os alunos do oitavo ano da escola QI foram desafiados a expor a temática no evento chamado Feira da Cultura. O objetivo foi desenvolver conteúdo relacionado à compreensão da anatomia, passando pelas principais áreas e suas respectivas funções. Como o sistema nervoso, que é o responsável por captar, processar e gerar respostas diante dos estímulos aos quais somos submetidos.



Os estudantes construíram cérebros "humanos" que pudessem ser comidos após a explicação. Assim não haveria desperdício de material como ocorre em maquetes tradicionais

É devido à presença desse sistema que somos capazes de sentir e reagir a diferentes alterações que ocorrem a nossa volta e mesmo no interior do nosso corpo. Ainda, o cérebro é o principal órgão dos seres humanos, pois, além de coordenar o corpo e regular as funções inconscientes, é ele que permite o contato com o eu interior e com o mundo exterior.

De acordo com Flávia Velloso, a professora que realizou o projeto e que também é associada da Appai, a finalidade da atividade foi além, pois os alunos deveriam construir um cérebro "humano" que pudesse ser comido posteriormente à explicação, evitando a produção de lixos como ocorre quando são feitas as maquetes tradicionais. E é claro que os estudantes se empenharam com a novidade.

Como base para a construção do modelo didático, os alunos puderam fazer bolos ou usar panetones e revesti-los com uma cobertura de massa feita de *marshmallow* ou pasta americana, representando as circunvoluções cerebrais. Além disso, eles identificaram com plaquinhas cada região do cérebro e expuseram ressaltando a função e a importância de cada uma delas.

Os trabalhos expostos na feira foram muito elogiados. Segundo Flávia, "são de grande realismo, o que os permitiu compreender os assuntos sobre sistema nervoso que foram trabalhados em aula. Foi divertido e bastante informativo", conta.

■ Por Richard Günter

#### **QI (Unidade Recreio)**

Rua Odilon Martins de Andrade, 3 – Recreio dos Bandeirantes – Rio de Janeiro/RJ

**CEP:** 22790-230

**Tel.:** (21) 2437-1267

**Site:** [www.colegioqi.com.br](http://www.colegioqi.com.br)

**Professora responsável:** Flávia Velloso

**Coordenador pedagógico:** André Jorge Marinho

Fotos cedidas pela escola

# ROLOU NA WEB



O lançamento da nossa websérie foi um sucesso! Foram mais de 14 mil interações\* em nossas redes sociais e canal no Youtube. Por isso, o Rolou na Web dessa edição é dedicado especialmente a essa novidade. Confira!

## Voz do professor



“Foi um grande prazer participar de um dos episódios da websérie ‘E agora, professor?’. Uma equipe sempre atenta em proporcionar e ampliar as discussões dos assuntos destacados nas edições das revistas. A websérie traz objetividade, modernidade e outros caminhos de aprendizados com a troca de experiências de profissionais de diferentes áreas. Parabéns por mais essa ação de qualidade e de incentivo a todos que trabalham com educação!” - *Renan de Oliveira Costa*, diretor do Colégio Estadual Padre Anchieta, em Duque de Caxias.

“A websérie proporcionou de maneira rápida a contribuição para o dia a dia do professor. Além de ser lúdica, utiliza as novas tecnologias a serviço da educação. Os profissionais qualificados exemplificam de forma conscienciosa temas que hoje muito auxiliam os professores na sala de aula e a comunidade educativa. Gostei muito de ter participado desse novo formato de socializar minha aprendizagem” - *Cristiane Guedes*, psicopedagoga.



“Fiquei muito feliz com a proposta da websérie, pois reconhece que algo feito por nós deu certo! Faz-nos sentir valorizados e lembrarmos que não estamos sozinhos, e então podemos compartilhar e aproveitar outras práticas positivas. Vale ressaltar também a importância de refletirmos a respeito desse assunto tão real e presente em sala de aula, que é a indisciplina. Muito obrigada pela oportunidade” - *Neia Albino*, professora de Língua Portuguesa do Colégio Estadual Padre Anchieta.



**Os comentários mais legais das redes sociais você vê por aqui!**



**Conceição Menali**  
Via Facebook

“Parabéns diva querida Andréa Schoch, que participou do 4º episódio da websérie. Sempre ótimo ver e escutar você com sua bagagem de conhecimentos. Aos queridos jornalistas Jéssica e Richard que Deus continue iluminando vocês nesta missão de compartilhamento” ❤️

Perdeu alguma coisa ou ainda não conhece a nossa websérie? Então acesse o canal da Appai no Youtube ([www.youtube.com/appairj](http://www.youtube.com/appairj)) e assista todos os episódios! Ah, não esqueça de se inscrever no canal para acompanhar o que vem por aí. Até lá!

## AS REDES SOCIAIS + CONECTADAS NA EDUCAÇÃO

@APPAIRJ    

**EXPE  
DIEN  
TE**

**Conselho Editorial**  
Julio Cesar da Costa  
Ednaldo Carvalho Silva

**Jornalista Editora**  
Antônia Lúcia Figueiredo  
(M.T. RJ 22685,JP)

**Assistentes de Editorial**  
Jéssica Almeida e Richard Günter

**Designer e Assistente Gráfico**  
Luiz Cláudio de Oliveira  
Yasmin Gundim

**Revisão**  
Sandro Gomes

**Professores, enviem seus projetos para a redação da Revista Appai Educar:**

End.: Rua Senador Dantas, 117/229  
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.  
CEP: 20031-911

**E-mail:** [jornaleducar@appai.org.br](mailto:jornaleducar@appai.org.br)  
[redacao@appai.org.br](mailto:redacao@appai.org.br)

[www.appai.org.br](http://www.appai.org.br)

Tel.: (21) 3983-3200

Os conceitos e opiniões emitidos em artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.